

Como funciona o diagnóstico e o tratamento dessa doença autoimune e neurodegenerativa que atinge jovens e adultos

POR DANIELE FELIX*

Rodeada por uma série de mitos, a esclerose múltipla é uma doença neurológica, crônica e autoimune. Isso significa que as células de defesa do corpo atacam o próprio sistema nervoso central, causando lesões cerebrais e medulares. Entre as falsas percepções acerca da doença, está a de que ela só atinge idosos. Na realidade, segundo a neurologista e integrante do grupo INKI Marina Mamede Pozo, o diagnóstico da esclerose ocorre na fase mais ativa da vida, entre os 20 e 40 anos. A resposta autoimune possui dois tipos: a forma remitente, que é mais comum e caracterizada por surtos, e a primária progressiva, um tipo mais agressivo.

Apesar de ser mais comum em países que vivem sob o clima temperado, há estimativa de que cerca de 40 mil pessoas estejam vivendo com esclerose múltipla no Brasil. A campanha de conscientização para a doença não tem foco em ensinar sobre prevenção ou cura, visto que não são possibilidades para a esclerose. As informações funcionam como alerta para possíveis sinais da degeneração autoimune no corpo. "Nem sempre é fácil reconhecer a doença logo nos primeiros sinais. Estima-se que o tempo médio entre os primeiros sintomas e o diagnóstico seja de quatro a 12 anos em estudos direcionados, principalmente nas formas brandas", informa a neurologista.

Apesar de não possuir cura, a especialista afirma que os tratamentos disponíveis são muito eficazes e podem reduzir, significativamente, a atividade da doença. "O objetivo é prevenir novos surtos, reduzir o aparecimento de novas lesões no sistema nervoso central e diminuir o risco de progressão da incapacidade", explica.

Além de sintomas que afetam o humor e o bem-estar funcional, a esclerose pode atingir o paciente com transtornos cognitivos, como o processamento da memória e a execução de tarefas. A vida sexual também sofre impactos da doença. A degeneração pode causar disfunção erétil em homens e diminuição da lubrificação vaginal em mulheres. Apesar de mais comum nas mulheres, Marina Pozo destaca que não significa exclusividade. "A esclerose múltipla não é uma doença exclusivamente feminina e pode acometer homens, que também devem estar atentos a sintomas neurológicos persistentes ou recorrentes", alerta.

*Estagiária sob supervisão de Sibele Negromonte

Esclerose sem mito

A DOENÇA

1. O sistema de defesa do corpo fica desregulado, e o organismo passa a produzir uma grande quantidade de células T citotóxicas (citocinas).

Mielina
Substância que reveste e protege as fibras nervosas do cérebro, dos nervos óticos e da medula espinal

2. As citocinas, proteínas originalmente programadas para reconhecer e combater vírus e bactérias, passam a atacar a mielina, a cobertura que protege os nervos do cérebro e da medula

Citocina atacando a mielina

Citocina

Mielina destruída

Fibra nervosa

4. O nome esclerose se refere às lesões causadas pela inflamação da mielina. Daí o nome da doença

3. Esse processo é conhecido como desmielinização. Em neurônios saudáveis, os canais de potássio ficam por baixo da capa de mielina. Quando há perda dessa estrutura, os canais ficam expostos, o que faz vazar potássio intracelular. Com isso, os neurônios não conseguem propagar os impulsos elétricos.